

Toda força ao novo governo e toda ajuda ao Nordeste

Disposto a ser "via" de diálogo, ex-governador promete seriedade no exercício do mandato

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES

Penso que a partir dessas eleições vão ocorrer substanciais mudanças tanto no Poder Executivo quanto no Poder Legislativo. O povo, através das urnas, nas eleições de 3 de outubro, indicou o novo procedimento a ser adotado pelos novos governantes e legisladores. Os que foram eleitos terão o compromisso de ter mais credibilidade perante a opinião pública, receberam dos votos a missão de recuperar a crença nos parlamentares e no Congresso Nacional.

Temos agora, depois de eleições, que enfrentar questões sérias e polêmicas, modificar um conjunto de leis que envelheceram, como, por exemplo, o Código Penal. Sobre tudo para evitar a impunidade. Para que não seja mais possível que crimes contra o erário público não sejam punidos e acabem sem solução. Não é mais possível que o Código Penal permita que julgamentos contra ilícitos, principalmente crimes contra o erário, cometidos por governantes que só pensam em enriquecer à custa do contribuinte, acabem sem solução. Essa é uma tarefa urgente dos novos senadores. A solução deve vir, neste caso, no máximo, em seis meses.

Temos que enfrentar o corporativismo em vários campos.

Excrescências como o novo Estatuto dos Advogados, cheio de inconstitucionalidades, que cria uma reserva de mercado para aqueles profissionais, têm que acabar. A moralidade é a principal vontade do povo, que se expressou nos votos.

No mundo moderno não se pode mais falar em direita, centro e esquerda. Isso acabou; é simplista, sem sentido. Temos é que enfrentar os problemas e é isso que ficou claro com a composição do novo Congresso Nacional.

Acabaram as barreiras ideológicas. Não há mais lugar para elas nem na política nem na sociedade. O povo se cansou dos rótulos, dos oportunistas que se situam ideologicamente como lhes convém. Temos é que enfrentar os problemas emergentes deste País. Eu, pessoalmente, há muito que me recuso a examinar os problemas por esse ângulo ultrapassado de direita, esquerda e centro.

Percebo que o futuro Senado vai ter uma vida mais intensa do que o atual. Foram eleitos senadores políticos que são lideranças muito expressivas em seus Estados. Esses políticos, dada a expectativa neles depositada, serão muito mais cobrados do que os atuais. E vão ter de corresponder àquilo que o povo que os elegeu espera deles.

No meu caso, vou legislar

principalmente para acabar com essa visão assistencialista que hoje impera no País. Temos que acabar com essa postura, esse descaso, com a qual vem sendo tratado o Nordeste. Como nordestino que sou, vou lutar, é claro, para que minha região tenha uma força ativa e não mais seja alvo de um assistencialismo que não nos ajuda em nada. Precisamos de medidas e projetos eficazes para resolver nossos problemas definitivamente, diminuir a miséria e enfrentar a questão da seca de frente, corajosamente.

Quero, sobretudo, ajudar o futuro presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, a governar. Dar a ele sustentação política dentro do Senado. Ele é um homem do diálogo e eu que-

ro ser a via desse diálogo dentro do Senado. Apoio sim, mas com independência.

É preciso que se diga mais uma vez que não estamos pensando em cargos. O futuro presidente da República terá toda independência para compor seu ministério e para governar. Apoiamos e continuaremos a apoiá-lo de olho no futuro desse País, que exige, precisa e espera reformas rápidas. Que quer o fim da miséria e deseje transformar a inflação em coisa do passado.

NÃO HÁ
MAIS LUGAR
PARA BARREIRAS
IDEOLÓGICAS

■ Antônio Carlos Magalhães, ex-governador, foi eleito senador pelo PFL-BA